

Novos valores ou nova hierarquia de valores?

▮ Vera Rudge Werneck*

Resumo

O artigo tem por objetivo mostrar que não existem novos valores mas sim novas hierarquias de valores. Cada geração em cada tempo e lugar vai hierarquizar os valores diferentemente. Tece uma análise das várias modalidades de valores considerando a sensibilidade como o processo cognitivo próprio para o seu conhecimento. Fundamentando-se teoricamente em Max Scheler, passando para Yvan Gobry, até concluir com um exemplo de hierarquização de valores.

Palavras-chave: Valores. Hierarquias. Instrução. Educação. Atualidade.

New values or a new hierarchies of values?

Abstract

This article aims to show that there aren't new human values, but new values hierarchies. Each generation, in its own time and place, will organize their values in different ways, according to their importance. Furthermore, the article proposes an analysis of the various values arrangements, taking sensibility as the cognitive process that leads to the knowledge of these values. It is theoretically based on the works of Max Scheler and Uvan Gobry. The conclusion presents an exemple of way to organize values, in order of priority.

Keywords: Value. Hierarchies. Instruction. Education. Present time.

¿ Nuevos valores o nueva jerarquía de valores?

Resumen

El artículo tiene por objetivo mostrar que no existen nuevos valores mas nuevas jerarquías de valores. Cada generación en su tiempo y lugar jerarquiza sus valores diferentemente. Hace una análisis de las varias modalidades de valores considerando la

* Mestre em Filosofia, PUC/RJ; Doutora em Filosofia, Universidade Gama Filho. E-mail: verarw@copavi.com.br.

sensibilidade como o processo cognitivo próprio para o conhecimento. Fundamentando-se teoricamente em Max Scheler, Yvan Gobry conclui apresentando um exemplo de hierarquia de valores.

Palavras chave: Valores. Hierarquias. Instrução. Educação. Atualidade.

Novos valores ou nova hierarquia de valores?

Muito se fala nos novos valores da sociedade atual, da juventude e do mundo globalizado.

Como compreender essa criação, essa invenção a partir do nada, de novos valores para guiar a humanidade?

Um aprofundamento da questão mostra que, talvez, ela esteja deslocada. Ao que parece, o que se está percebendo, não são propriamente valores novos, inéditos, mas uma mudança no modo de hierarquizá-los.

Valores muito prezados no passado hoje nem tanto considerados e vice-versa.

Entende-se por valor aquilo que de algum modo possa satisfazer a uma necessidade, a um anseio humano e por bem de valor, os entes materiais que portam algum valor.

A primeira pergunta é sempre sobre quem é o homem e quais são as suas necessidades. As primordiais e as secundárias. São as questões fundamentais da antropologia filosófica.

A resposta a essas perguntas vai permitir pelo conhecimento de suas necessidades e da hierarquia segundo a qual se apresentam o estabelecimento dos valores que podem satisfazê-las.

De início, podem-se focalizar as exigências ligadas à própria vida material, ao seu bem estar físico, ou seja, as ligadas à natureza equilibrada, ao ecossistema. Da consciência de sua importância para a vida humana resulta uma nova ordem de bens de valor. Vão ser valorizadas a água potável, o ar puro, a preservação das matas e do solo.

Somente quando esses bens se tornaram escassos foram valorizados evidenciando a relação falta x valor. É o sentimento de falta, de necessidade que define o valor como o que pode supri-lo.

Consideram-se, a seguir, as necessidades ligadas ao próprio corpo: a saúde, o bem estar, a força, a resistência entre outros, até apontar os valores capazes de satisfazê-los. A alimentação saudável, os medicamentos, os exercícios físicos.

Os exercícios físicos, por exemplo, no momento em que foram considerados essenciais para saúde pela ciência, subiram na escala de valores do homem atual ao contrário do que ocorria num passado não muito distante.

Os valores da utilidade como que unem o material e o não material. A inteligência do homem, interferindo na matéria, inventa bens de valor que vão suprir suas necessidades. Bens que portam valores que facilitam o seu viver e surgem os veículos que trazem a rapidez e a mobilidade, os meios de comunicação social que possibilitam o entendimento, a televisão e a internet que permitem a visão do longínquo enfim, desenvolve-se toda a tecnologia com seus bens portadores de valores.

Contemplam-se, então, os valores que vão corresponder aos anseios não materiais da pessoa humana: o anseio pela verdade, pelo bem, pelo belo, pelo afeto, pelo sagrado, por exemplo. Sendo o valor o que tem condição de satisfazê-los, podem-se registrar múltiplas modalidades.

O valor lógico, buscado pela razão em sua constante procura pela verdade por meio da pesquisa e da ciência. Não são considerados “valores” os conteúdos do conhecimento humano, mas a verdade que encerram e que pode satisfazer à natural necessidade de saber. A humanidade não se contenta com qualquer conhecimento, mas quer o que de algum modo e sob algum aspecto e em algum tempo, corresponda ao real, ou seja, a verdade.

A aceitação da relatividade do conhecimento em relação ao sujeito não implica no abandono da busca da verdade. O relativismo sim, que nega a possibilidade do conhecimento da verdade tomando-o o interesse do sujeito como único referencial no processo da razão, é incompatível com o incontestável progresso da ciência.

Os valores éticos correspondem à carência humana pelo bem moral. Ao seu anseio por respeito e justiça. Por liberdade, lealdade, honestidade, responsabilidade e por todos os demais valores decorrentes do princípio da moralidade que exige que se faça o bem e evite o mal.

Há ainda o anseio pelo belo, pelo harmônico que é satisfeito pelo valor estético. A beleza encontrada na natureza, nas paisagens, no mar, nas florestas, na luminosidade do sol, no canto dos pássaros e na arte, que manifesta o belo instaurado na matéria pelo homem. A beleza da dança feita com o próprio corpo, da música produzida pela combinação dos sons, das artes plásticas, da pintura, da escultura, da arquitetura. A arte

realizada com a palavra, a poesia, a prosa e as que unem a palavra à ação como o teatro e o cinema, enfim, as mil formas que descobre o homem para inserir valores na natureza e em si mesmo.

Os valores afetivos correspondem à natural carência de afeto: o amor, a amizade, o carinho, a dedicação, a doação de si entre outros. O ser humano precisa do “outro” não só fisicamente, mas ainda afetivamente querendo sempre, com ele, constituir uma comunidade. O “outro” torna-se então valor por satisfazer uma necessidade, uma carência do sujeito.

Ao anseio pelo transcendente, pelo que ultrapassa a dimensão natural e humana, corresponde o valor do sagrado que se expressa na religiosidade humana.

Ocorre, portanto, não a invenção, a criação de novos valores, mas a sua implantação onde antes não existiam. Nesse sentido, sim, podem ser considerados como “novos”. Novos em determinado lugar ou situação, mas não pelo seu ineditismo.

Pode ainda acontecer, uma mudança no processo de hierarquização.

Embora o termo valor tenha uma forte ligação com a área econômica, não se pode confundir “valor” com “bem de valor”. Os “bens” de valor portam valores que satisfazem as necessidades humanas.

A clássica pergunta sobre a subjetividade ou objetividade dos valores, se valem porque correspondem ao interesse de cada um ou se o interesse existe porque eles valem por si mesmos, parece merecer duas respostas:

Primeiramente há que se admitir a existência de um aspecto universal no ser humano. A pessoa humana considerada como a corporalidade, a racionalidade, a sensibilidade e a vontade apresenta necessidades iguais às quais correspondem valores universais. O bem estar físico, a saúde, a busca do conhecimento pelo desenvolvimento intelectual, a vida afetiva, o livre arbítrio com os seus valores do respeito e da justiça, do bem moral, enfim são exigências de todo ser humano independentemente de tempo ou espaço.

O fato de, em determinadas épocas e culturas essas necessidades e esses valores não terem sido ou não serem respeitados, em nada os invalida como exigências fundamentais e universais da pessoa humana. Não há como relativizá-los sem discriminação, violência ou acomodação.

Em segundo lugar, ao entender-se que cada pessoa humana é portadora de uma “personalidade” única, própria e individual, chega-se a que, sob esse aspecto as

hierarquias de valores correspondentes às suas necessidades é variável não só no tempo e no espaço, mas ainda de acordo com as circunstâncias.

Essa mudança no escalonamento dos valores merece uma reflexão. Será ela feita de modo espontâneo e fortuito sem que se possa nela perceber nenhum direcionamento? Será apenas a transformação de um mundo sólido de valores estáveis e predeterminados para um mundo líquido, em constante mutação de rumos, sem que seja possível perceber nenhuma direção constante e definida como pensa Bauman (2005). É difícil avaliar. É ele quem diz: “É nisso que nós, habitantes do líquido mundo moderno somos diferentes. Buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades em movimento lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo” (BAUMAN, 2005, p. 32).

Na escala da atualidade “subiram” os valores “capacidade de mudança” e de “adaptação”, “inovação”, “experimentação”, aceitação do “novo” e outros semelhantes. E é novamente esse autor quem completa: “no admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis simplesmente não funcionam” (BAUMAN, 2005, p. 33).

Apesar de toda essa valorização do “novo” pode-se perceber, especialmente no ocidente cristão, uma direção, um ordenamento que, embora na prática apresente-se constantemente com falhas e retrocessos, mostra-se estável e constante: a permanente busca dos valores do “respeito”, da “justiça” e da “igualdade de deveres e direitos”.

Todos os movimentos culturais se fazem no sentido de garantir ao ser humano cada vez mais igualdade de gênero, etnia, idade e classe social. Percebe-se que o valor “igualdade”, pelo menos teoricamente, está no topo da escala. O “respeito” pelo outro seja ele quem for que modalidade de vida tenha escolhido, e a prática da “justiça social” são valores almejados atualmente como nunca antes tinham sido.

Esses valores, trazidos pelo Cristianismo, nem sempre, mesmo no mundo cristão, foram considerados primordiais. Com o passar dos anos, cada vez mais, em todas as culturas são postos como objetivos a alcançar.

Diante da recorrente pergunta sobre se a humanidade está aprimorando-se ou retrocedendo embora, num primeiro momento, diante das dificuldades do presente a impressão seja de piora, de degradação, inclusive do meio ambiente, na verdade

constata-se uma reordenação dos valores de modo que seja dada maior ênfase, pelo menos teoricamente, à igualdade, ao respeito e à justiça.

Ao mesmo tempo, pode-se constatar a descida na escala, de outros valores como: a fidelidade, a constância, o espírito de sacrifício, a humildade, a obediência...

No âmbito da educação valoriza-se especialmente a capacidade de comunicação que se revela pela importância dada ao conhecimento de idiomas e pela utilização da internet. Pelo conhecimento de emprego prático e eficiente, pelas diversas modalidades de tecnologia, ao contrário das reflexões metafísicas e abstratas. Ressalta a ênfase dada ao conhecimento que possa gerar valor econômico.

Fica bem clara a importância dada à independência, à autosuficiência, como mostra o relevo atualmente dado a conhecimentos que levem a profissionalização e até em áreas específicas como gastronomia e artesanato.

O conhecimento é visto como grande valor que pode promover a valorização das personalidades permitindo a sua ascensão no plano pessoal, profissional, econômico e social.

Uma característica fundamental dos valores é a polaridade. Os valores apresentam-se sempre como positivos e com os seus correspondentes negativos ou contravalores. Diante deles a reação é sempre de busca, de aproximação, de amor ou de afastamento, repulsa, ódio. É impossível a neutralidade.

Mostra Risieri Frondizi (1968, p. 18) que “os valores estão, ainda, ordenados hierarquicamente, isto é, há valores inferiores e superiores. Não se deve confundir a ordenação hierárquica dos valores com a sua classificação. Uma classificação não implica, necessariamente, uma ordem hierárquica”.

As diversas classificações de valores que os diferenciam pela modalidade de atendimento às necessidades humanas, não implicam em nenhum escalonamento. Vêm-se então os valores materiais que correspondem às necessidades físicas de bem estar e saúde, os valores lógicos, os éticos, os estéticos, os afetivos, os sociais, os religiosos.

A hierarquização não se prende à modalidade, mas à capacidade de satisfazer com maior plenitude e durabilidade aos anseios humanos.

Embora se possa reconhecer a existência de uma hierarquia de valores, não é fácil definir com clareza qual a melhor nem a mais perfeita. O processo de hierarquização vai depender do critério adotado.

São incontáveis as propostas de escalas de valores apresentadas pelos vários pensadores resultantes de diferentes concepções, que vão de uma antropologia naturalista, que vê o espírito como simples derivação da natureza, como a de Freud, por exemplo, até as espiritualistas que consideram a matéria como empecilho para o desenvolvimento humano como a de Platão.

São inúmeras as dificuldades para a hierarquização dos valores. A primeira liga-se a questão da sua objetividade ou subjetividade. Sendo eles objetivos, sua hierarquia adviria deles próprios, independentemente da vontade humana; caso contrário, ela seria diferente e especial para cada homem.

É extremamente difícil demonstrar a objetividade dos valores. Mais fácil é perceber as necessidades universais do ser humano, o que naturalmente levaria a uma escala de valores que pudesse satisfazê-las segundo o seu nível de exigência e prioridade. Considerar os valores subjetivos, como criações humanas significa desvalorizá-los, relativizá-los e assim a minimizar a sua importância para o homem.

A hierarquia de valores feita por um critério empírico só teria validade particular e temporal. Seria variável e não universalmente válida e assim todos os comportamentos humanos igualmente admitidos.

O subjetivismo tem seu foco no processo de valoração, na interferência do homem no processo. O objetivismo, ao contrário parte das necessidades humanas e aceita a independência dos valores como o modo ideal de supri-las.

Para as doutrinas subjetivistas o sujeito cria o valor e não apenas o aprende. Para uns seria o prazer, para outros, o interesse; para outros ainda seria o desejo a fonte do valor, mas, seria ele sempre uma criação humana variando somente com o tempo, as culturas e as situações.

Para o objetivismo, os valores são independentes dos bens e dos sujeitos que os valoram. São absolutos ou imutáveis, variando apenas quanto à sua hierarquia.

Max Scheler (1941, p. 39), em sua *Ética* condena “toda doutrina que reduza os valores em sua própria essência aos homens e à sua organização, seja esta psíquica (psicologismo) ou psicofísica (antropologismo), quer dizer que pretenda por o ser dos valores em relação com o homem e sua organização”.

É a posição extremada que entende os valores como totalmente independente do homem com suas carências e necessidades.

O homem, no entanto, não apenas tende para os valores que o podem completar e dos quais sente necessidade, mas é ele próprio, em si mesmo, valor. Para determinadas concepções de antropologia, como a cristã, por exemplo, o homem não é apenas o indivíduo, mas uma pessoa com caráter próprio e, portanto, valor em si mesmo. Não só porta valores, mas, é um valor enquanto pessoa, ser racional, capaz de agir livremente e de vida afetiva.

Enquanto indivíduo é o homem limitado pelo seu corpo, suas necessidades físicas, sua condição geográfica e histórica, suas circunstâncias enfim. No entanto, além de indivíduo, é ele um ser pessoal com dignidade própria, e assim com direitos e deveres.

A pessoa é o ser capaz de dar sentido às coisas, de valorar e de instaurar o valor. A natureza só serve para o homem na medida em que ele lhe dá um sentido. O homem, sim, importa sempre para o homem. O “outro” o “semelhante”, vale por si mesmo, por ser aquele que vai revelar e transmitir os valores.

Do ponto de vista subjetivo, é certo que o sujeito reconhece de início o valor puro e se conhece negativamente como privado de valor.

Na hierarquia a ser constituída sobreleva-se o valor da pessoa e o valor de “outro” enquanto “pessoa”.

Não se pode prescindir do “outro”, valor por si mesmo, pois ele vai ocupar um lugar primordial em qualquer escala. Nada mais ofensivo do que olhá-lo como “coisa” destituindo-o de sua dignidade. Nada pior para o ser humano do que a indiferença que é o mesmo que negar a sua humanidade.

O homem chega então à consciência de si mesmo pelo conhecimento do valor de que se sente privado. Por meio dele conhece a sua destinação ao valor pleno e absoluto que fundamenta assim o seu referencial para a sistematização dos múltiplos valores que vão satisfazer suas inúmeras necessidades.

O “outro” é portador dos valores dos quais se tem necessidade. É ele que possui a bondade, a inteligência, a beleza, o afeto que se deseja. No entanto, embora revelando-se pelos valores ou pelos contravalores que carrega o “outro” vale por si mesmo, como pessoa humana e não apenas por ser portador de valores. Nada pode agredi-lo mais do que considerá-lo como simples coisa, objeto ou mesmo como uma idéia.

O “outro” além de pessoa é também uma personalidade, ou seja, um conjunto estruturado de carências e de valores e como tal, objeto de experiência e apreensão.

Constitui-se então como um conjunto orgânico de carências e de valores espontâneos e instaurados. A personalidade engloba valores e contravalores que se estruturam de modo a fazê-la original, própria, individual, diferente uma da outra. Há sempre a necessidade da opção por valores e ao mesmo tempo em que essa opção decorre da personalidade, ela a forma e constitui. A hierarquização dos valores depende da personalidade e das escolhas feitas que constroem essa mesma personalidade.

O outro não apenas revela o valor, mas, traz o contravalor pelo que nega e prejudica. Ele apresenta-se ao mesmo tempo como promessa e ameaça, como força e fraqueza, como verdade e erro, como bondade e maldade. Como fonte de satisfação e de decepção, mas sempre como ser de referência, como modelo a ser copiado ou condenado. O “outro” enquanto pessoa é sempre valor, mas enquanto personalidade é mensageiro do valor e do contravalor.

Gobry (1975 p. 71) mostra que “é o “outro” que, no início da existência traz o amor, a alegria e a segurança. Na infância, o outro é a fonte do valor que, enquanto autoridade na qual se têm fé, é certeza. Essa segurança da infância, no entanto, não é duradoura. Bem cedo, o “outro” torna-se a ocasião das decepções. Se por meio dele conheceu a bondade é por meio dele que vai conhecer a maldade. Se conheceu o interesse, vai conhecer o desinteresse”.

Chega-se então à necessidade do estabelecimento de um critério que permita a avaliação do valor. Pode-se admitir a perenidade e a universalidade como tal. Os valores seriam verdadeiros se valessem no universalmente embora variando de importância na escala de acordo com o tempo e com o espaço. A pessoa seria então o valor por excelência. A desconsideração, a desvalorização do homem que ocorreu em todos os tempos através da história é tida como agressão, como violência, como erro, não podendo nunca ser admitida como possível, como fato natural ou cultural em determinado tempo e espaço.

Nas coisas encontram-se participações do valor, mas não o valor propriamente dito. Nelas, por exemplo, encontra-se alguma beleza, mas não a própria “beleza”. Não se criam e não se inventam valores. Eles se encontram ou são instaurados nas coisas conferindo-lhes uma significação.

A hierarquização dos valores, embora feita pelos juízos de valor depende em grande parte da personalidade de cada um: nas de sensibilidade mais desenvolvida prepondera

o interesse pelo nobre, pelo bom, pelo verdadeiro. Outras dão maior valor ao estético até mesmo sobrepondo-o ao ético. Há as que prezam mais a vida em sociedade e a afetividade. O que mais querem é a presença do “outro”. Abominam a solidão que é considerada como grande contravalor. Há as que priorizam o sagrado, a saúde, a família, o conhecimento ou outros valores da escala.

A preferência pelos valores aparece mais como tendências do que como atitudes exclusivas. A predominância de uma delas decorre não só da personalidade de cada, mas ainda da educação recebida nos seus primeiros anos. Essa dominância deve ser claramente conhecida por cada um para que consiga estabelecer o equilíbrio e o respeito por outras formas de hierarquia.

Priorizar os valores independentemente das pessoas que os sustentam leva a admissão de sectarismos, a desrespeitar a liberdade humana, a condenar as variações das culturas, a dogmatizar ideologias. Ao contrário, priorizar as pessoas e as suas personalidades desvinculando-as dos valores que portam, a aceitar o arbitrário, o relativismo que acaba prejudicando os interesses dessas mesmas pessoas.

Refletindo um pouco sobre a hierarquização de valores do momento atual podem-se chegar a algumas considerações.

É de Max Scheler (1972, p. 146) a seguinte afirmação: “nos iniciamos nossas considerações com uma regra preferencial, que se tornou determinante para a moral do mundo moderno. Esta regra chama-se: um valor ético só advém às propriedades, ações, etc, que o homem enquanto indivíduo adquire, se estas aquisições forem feitas através de suas forças e trabalho”.

No pensar de Scheler (1941) o trabalho como processo de agregação de valor à matéria e a autonomia do sujeito são valores que na atualidade subiram na escala em detrimento de outros. São inúmeras as modalidades e os critérios de hierarquização de valores. Alguns muito prezados no passado hoje estão em segundo plano e outros pouco valorizados são atualmente muito considerados. Não é possível definir-se uma hierarquia perfeita e ideal válida para todos os tempos e todos os lugares. A saída está no estabelecimento dos critérios justificáveis segundo os quais vai ser feita a hierarquização.

Propõem-se aqui as noções de “pessoa humana” e de “personalidade” como referenciais justificáveis para hierarquização dos valores.

Os valores universais, que devem ser priorizados são os que atendem às necessidades da pessoa humana. Os variáveis e secundários, aqueles que correspondem às múltiplas personalidades com suas características próprias e individuais.

Com o objetivo de promover a reflexão sobre essa questão apresenta-se apenas como ilustração, um questionário (Anexo A), que pode ajudar ao reconhecimento da própria escala de valores.

Pede-se que se atribua às questões apresentadas, os seguintes pesos:

“4” ao que considerar como importantíssimo,

“3” como muito importante,

“2” como importante,

“1” como relativamente importante e

“0” ao sem importância.

Resultados das avaliações:

A soma das parcelas das séries terminadas:

Em “1” corresponde aos valores ligados ao meio ambiente.

Em “2” aos valores ligados ao próprio corpo.

Em “3” aos valores ligados à utilidade, aos bens utilitários.

Em “4” aos valores lógicos ligados ao conhecimento.

Em “5” aos valores estéticos.

Em “6” aos valores éticos.

Em “7” ao valor do sagrado.

Em “8” aos valores ligados à vida afetiva.

Em “9” aos valores ligados à vida social.

Em “10” aos valores ligados à autoestima e à dignidade pessoal.

Tem-se então um exemplo do processo de hierarquização dos valores.

Referências

BAUMAN, Z. *Identidade*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GOBRY, Y. *De la valeur*. Louvain, Paris: Vander; Vauwelaerts, 1975.

FRONDIZE, R. *¿ Que són los valores?*. México: Fondo de Cultura Económica, 1968.

SCHELER, M. *Ética: nuevo ensaio de una fundamentacion de un personalismo ético: termo 1*. Tradução Hilário Rodrigues Sanz. Madri, 1941.

SCHELER, M. *Da reviravolta dos valores*. Tradução Marco Antônio dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.

WERNECK, V. R. *Educação e sensibilidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1996.

Recebido em: 19/01/2010

Aceito para publicação em: 01/03/2010

Anexo A - Questionário

1. Respirar ar puro sem poluição.
2. Fazer todos os dias um exercício físico.
3. Possuir um automóvel ou moto.
4. Fazer um curso universitário.
5. Ouvir boa música.
6. Relacionar-se honestamente com as pessoas.
7. Acreditar em Deus.
8. Viver a vida de família.
9. Avisar ao órgão responsável pelo vazamento de água na rua.
10. Ter respeitada a sua dignidade pessoal.
11. Banheiros limpos e higienizados.
12. Praticar esportes regularmente.
13. Ter um computador.
14. Conhecer bem uma língua estrangeira.
15. Apreciar ambientes bonitos e bem arrumados.
16. Não participar de esquemas de corrupção, dando dinheiro a guardas ou a funcionários para obter benefícios.
17. Rezar frequentemente.
18. Conviver com os amigos.
19. Participar da vida política do país.
20. Ser independente em suas atitudes.
21. Ter uma alimentação saudável.
22. Manter o peso ideal.
23. Possuir TV e I Pod.
24. Manter-se atualizado estudando continuamente.
25. Apreciar belas paisagens.
26. Exigir justiça mesmo quando ela lhe for prejudicial.
27. Ter uma vivência religiosa.
28. Ter um companheiro/a na vida (namorando/a, esposo/a).
29. Votar nas eleições governamentais.

30. Ser considerado na sua integridade enquanto pessoa.
31. Morar em lugar ensolarado sem umidade.
32. Fazer exames médicos regularmente.
33. Ter uma boa aparelhagem de som.
34. Estar a par dos avanços da ciência.
35. Desenvolver suas aptidões artísticas.
36. Cumprir a sua tarefa estudantil/ profissional com responsabilidade.
37. Transmitir aos outros a sua religião.
38. Comemorar as festas com a família.
39. Doar sangue.
40. Ser tratado no seu meio com consideração.
40. A água da cidade ser filtrada e limpa.
41. Dormir oito horas por noite.
42. Participar dos avanços da moderna tecnologia.
43. Fazer cursos de aperfeiçoamento para melhorar sua produção intelectual.
44. Frequentar espetáculos artísticos.
45. Pagar as suas dívidas pontualmente.
46. Participar de cultos de cultos religiosos.
47. Viver emoções afetivas.
48. Participar de movimentos de sua comunidade.
49. Respeitar-se a si mesmo independentemente dos outros.

Quadro de respostas

1 ()	2 ()	3 ()	4 ()	5 ()	6 ()	7 ()	8 ()	9 ()	10 ()
11 ()	12 ()	13 ()	14 ()	15 ()	16 ()	17 ()	18 ()	19 ()	20 ()
21 ()	22 ()	23 ()	24 ()	25 ()	26 ()	27 ()	28 ()	29 ()	30 ()
31 ()	32 ()	33 ()	34 ()	35 ()	36 ()	37 ()	38 ()	39 ()	40 ()
41 ()	42 ()	43 ()	44 ()	45 ()	46 ()	47 ()	48 ()	49 ()	50 ()